

es0 - 13.8.1966

LINGÜÍSTICA

Jacques Pohl - FORME & PENSÉE. Esquisse d'une grammaire française fonctionnelle. Namur, Wesmael-Charlier, s/d, 102 pp.

O livro que temos presente envereda por um caminho bastante promissor da moderna Lingüística, qual seja o de avaliar as funções da linguagem, partindo desta perspectiva para uma retomada do problema gramatical.

E como os termos "função", "funcional" e "funcionalismo" têm assumido as mais diversas conotações, nada melhor que esclarecer a posição do A. diante dessa variedade, com o que contamos desde logo evitar desinteligências.

Já num estudo de 1912, condenava C. Bally os gramáticos que partiam das formas para descrever os estados da língua, acusando-os de compor verdadeiros "caos organizados"; muito mais científico parecia-lhe tomar como ponto de partida uma forma de pensamento típico, analisando então os processos lingüísticos requeridos para sua expressão. Também Ferdinand Brunot, Otto Jespersen e Harri Meier preconizaram método semelhante, sendo de se notar que tais especialistas entendiam "função" como "valor", "significação"; veja-se, do último, o artigo "Syntaxe Grammatical, Syntaxe Fonctionnelle, Estilística", publicado no t. VIII do "Boletim de Filologia", de Lisboa.

Henri Frei entende por funcional o ciclo constituído por um excitante, os déficits, um meio, os processos, e um fim, as necessidades lingüísticas. E escreve, no prefácio à sua "La Grammaire des Fautes, introduction à la Linguistique Fonctionnelle": "creio ter sido o primeiro a dispor os fatos não segundo a ordem das significações (Bally, Brunot), mas segundo a das necessidades fundamentais que qualquer língua é chamada a satisfazer". Nem este, nem A. Martinet e L. Hjelmslev (que equiparam funcionalismo a estruturalismo) podem ser aproximados a J. Pohl, cujas vertentes são apenas encontráveis em E. Buyssens.

Buyssens com efeito compreendia a "função lingüística" como o sentimento que o falante tem dos elementos componentes da linguagem, servindo-se deles à base desse sentimento; assim, dentro do funcionamento da linguagem o "sujeito" é o elemento que responde às perguntas "quem?" e "o que é quê?", patenteando-se a inutilidade de qualquer tentativa de definição desse termo. E

precisamente este é o exemplo que J. Pohl nos dá, quando busca esclarecer seu método (p. 48).

O sentimento da língua permite-nos assim surpreender as relações que medeiam entre duas palavras ou grupos de palavras. De dois modos podemos analisar tais relações: quais serão as relações de idéias entre as palavras unidas pelas funções (funções psicológicas: noções de agente, de objeto, de determinação, de caracterização, de circunstância e de coordenação) e de que modo determinada relação pode ser expressa (funções formais: colocação, concordância, etc.) - pp. 37-47.

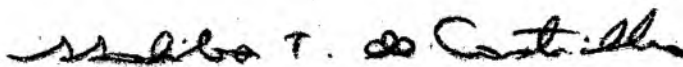
Por outro lado, foi propósito do A. estudar os mecanismos essenciais da gramática, insistindo em sua realidade bifronte, uma vez que ela é um conjunto de formas destinadas a traduzir os pensamentos. Diante disso, julgar que "sem sacrifício do pensamento à forma nem a forma ao pensamento, deve o gramático esforçar-se por apresentar a gramática segundo o princípio das coincidências mais extensas e mais numerosas" (p. 102). Pois J. Pohl adotou a posição de Delacroix (citado à p. 11), para quem o pensamento faz a linguagem fazendo-se pela linguagem".

O comportamento metodológico aqui brevemente sumariado conduziu o A. a algumas afirmações dignas de nota, sobretudo no capítulo referente às espécies de palavras (demais capítulos: a linguagem e o pensamento, a frase, a função). Renunciando à difícil teorização dos fatos gramaticais, apresenta-os apelando para o sentimento que deles tem o falante, e assim conceitua o verbo como "palavra que pode exprimir as mudanças de tempo por mudanças de forma" (p. 56); o nome como palavra cheia de sentido que pode ser anunciada por um artigo "amovível", isto é, que pode ser supresso ou substituído por outro artigo (p. 71); o pronome como palavra vazia de sentido, tendo as mesmas funções do nome, porém não podendo ser anunciado por artigo amovível. Observe-se que J. Pohl foi conduzido por seu método a entender "ma" e "ce" como artigos, o primeiro por não ser atributivo (ao contrário de "mienne") e o segundo por não ter valor demonstrativo (privativo de "ceci" e "celà" -- p. 83 --). As onomatopéias são interjeições imitativas, havendo também interjeições adverbiais, como "oui", "non" (p. 94).

À parte a natural simplicidade que os estudos gramaticais assumem quando assim tratados, acentue-se mais um ponto positivo deste trabalho: o ter principiado pelo estudo da frase, a verdadeira unidade da linguagem (p. 23), voltando-se somente após para as particularidades da frase, tais como os sons, as sílabas e as palavras.

Estas considerações, que chocam às vezes pelo ineditismo, nem por isso deixam de convencer pela leveza e simplicidade que as caracteriza, tudo a indicar as vantagens do funcionalismo lingüístico como aqui é entendido.

|ATC|


Ataliba T. de Castilho